

## A NATUREZA DO OBJETO NULO E DO NOME NULO NO PORTUGUÊS EUROPEU E NO PORTUGUÊS BRASILEIRO\*

Mary A. KATO  
Universidade Estadual de Campinas, CNPq  
mary.kato@gmail.com

*À Paulina, que partilhou comigo o entusiasmo pelo ensino da sintaxe*

**RESUMO:** Este trabalho traz uma discussão dos trabalhos de Raposo sobre o objeto nulo e o artigo nulo no português e nas línguas românicas, para mostrar que, apesar das semelhanças nas duas variedades do português, esses aspectos ainda separam as duas gramáticas quando a variedade vernacular do português brasileiro é estudada.

**PALAVRAS-CHAVES:** objeto nulo, artigo nulo, português europeu, português brasileiro, línguas românicas.

*ABSTRACT: This paper brings a discussion on Raposo's ideas about the null object and the null article in Romance, to show that, though the two varieties of Portuguese are closer than the other Romance languages, these aspects still distinguish the two grammars when the spoken variety of Brazilian Portuguese is taken into account.*

*KEYWORDS: null object, null article, European Portuguese, Brazilian Portuguese, Romance languages.*

### 0. Introdução

Em seus artigos de 1998 e 1999, Raposo mostra que:

0.1 o Português (doravante Português Europeu e Português Brasileiro formal) admite resumptivos nulos. Enquanto isso, as demais línguas românicas só admitem clíticos como resumptivo<sup>1</sup>:

- (1) a. esse livro, eu só encontrei Ø na FNAC  
a' esse livro, eu só **o** encontrei na FNAC  
b. \*ese libro, sólo encontré Ø en la FNAC  
b'. ese libro, sólo **lo** encontré en la FNAC

0.2 o Português, mas não outras línguas românicas, admite objetos nulos:

---

\* Este trabalho foi apresentado em debate de Mesa Redonda com Eduardo Raposo. Após o debate, foi escrito um trabalho conjunto que aparece sob Kato e Raposo (2005).

<sup>1</sup> No PB coloquial, em lugar do clítico, temos o pronome forte *ele*.

- (2) a. eu só encontrei  $\emptyset$  na FNAC  
a' eu só **o** encontrei na FNAC  
b. \*sólo encontré  $\emptyset$  en la FNAC  
b'. sólo **lo** encontré en la FNAC
- (3) a. falámos sobre o livro e as nossas tentativas de comprar  $\emptyset$  na FNAC  
b. \*hablamos sobre el libro y nuestras tentativas de comprar  $\emptyset$  en La FNAC
- 0.3 o Português admite nomes nús ou com artigos para objetos genéricos, mas as outras línguas românicas exigem a presença obrigatória do artigo:
- (4) a. a Maria detesta (as) cenouras  
b. odeio (o) café  
c. o João prefere (a) prosa a poesia
- (5) a. María detesta \*(las) zanahorias  
b. odio \*(el) café  
c. Juan prefiere \*(la) prosa a \*(la) poesia

A observação de Raposo é de que tanto no Português Europeu (PE) quanto no Português Brasileiro formal (PBF):

- a) o clítico é um artigo definido cujo N é nulo;  
b) o artigo definido genérico pode ser nulo no português, mas não nas outras línguas românicas;  
c) a construção de tópico envolve um pronome nulo para a posição de Operador.

O autor enfatiza, assim, os pontos onde há convergência entre o PB e o PE. Discute seu trabalho anterior (Raposo, 1986) e refaz muitos de seus juízos e, com essa revisão, mostra que o PE e o PB não são tão divergentes como os linguistas brasileiros quiseram fazer crer.

## 1. Objetivos

Meu objetivo neste trabalho é discutir a natureza do PB **coloquial** e do PB **formal** e apontar para as suas divergências.

Segundo Kato (1999), essas duas variedades são objetos de natureza diferente: enquanto o PB coloquial é uma gramática nuclear, apreendida via seleção de parâmetros, o PB formal é um objeto apreendido via instrução, seguindo regras convencionais.

Enquanto no PE o que a criança produz e o adulto usa não parecem diferir muito em relação à distribuição dos clíticos, a criança brasileira aprende os clíticos como um ponto gramatical de uma gramática tardia, como a de uma segunda língua. Assim, pesquisas em linguística mostram que o que ocorre com a aprendizagem dos clíticos no Brasil apresenta erros do tipo apresentado em aprendizagem de língua estrangeira.

Exemplo de escrita de criança (apud Kato, Cyrino e Correa, 2009):

- (6) a. "Elas **o** reconheceram **ele**"
- b. "Revistaram-**lo**"

Exemplo de escrita de semi-analfabetos (Kato, 1999):

- (7) a. "Vende frango-**se**" (em granja no interior de São Paulo)
- b. "Temo-**se** camarão" (em praia de Maceió)

Enquanto na aprendizagem da gramática nuclear não há inconsistências, na aprendizagem de "regras" há falhas de várias naturezas, mesmo em indivíduos altamente escolarizados: (i) ausência de clítico (ex. 8), (ii) colocação inadequada (ex. 9), (iii) erro de caso (ex. 10), etc.

Exemplo de fala de escolarizado (Kato 1999):

- (8) "Parte-**se** um ovo: ( ) põe a gema; espa/ah ah ( ) derrama em cima e ( ) põe bastante pão torrado; então ( ) vai junto com o, o camarão com queijo ao forno ... ai retira os dois [...] e serve-**se**" (NURC, D2 POA).

Exemplo de escrita de jornal (Folha da Manhã, 23/03/00. Pág. 3-5)

- (9) "...mas policiais que estavam próximos ao local acabaram **o** prendendo".

Exemplo de escrita em circular por e-mail:

- (10) "Vimos comunica-**lo** que segunda não haverá aulas."

## 2. Divergências entre o PE e o PB coloquial

Se considerarmos o PB coloquial em lugar do PB formal/escrito, as divergências crescem e ficam evidentes:

a) quanto ao objeto nulo, tanto no PE quanto no PB formal, não é fácil co-indexar o objeto nulo de uma sentença subordinada complemento com o sujeito animado da oração matriz, mas, no PB, é possível co-indexar quando o objeto tem um antecedente sujeito inanimado (Bianchi e Figueiredo, 1994):

- (11) a. \***O Jose<sub>i</sub>** sabe que a Maria gostaria de conhecer Ø<sub>i</sub>. melhor  
b. **Esse prato<sub>i</sub>** exige que o cozinheiro acabe de preparar Ø<sub>i</sub> na mesa.

b) no PB as sentenças asteriscadas de Raposo (1986) são totalmente naturais<sup>2</sup>, enquanto no PE elas são mal-formadas ou estranhas para muitos falantes portugueses<sup>3</sup>.

- (12) a. ?Eu informei a polícia da possibilidade de o Manel ter guardado Ø<sub>i</sub> no cofre da sala de jantar (tópico: documentos importantes)  
b. \*Conheço o rapaz que trouxe ec agora mesmo da pastelaria (tópico: um bolo ...)  
c. Que a IBM venda ec a particulares surpreende-me (tópico: computador...)  
d. \*O pirata partiu para as Caraíbas depois de ter guardado ec cuidadosamente no cofre (tópico: o tesouro)

c) quanto ao resumptivo nulo vs resumptivo lexical: o PB não limita a categoria vazia para o objeto nulo, podendo ter resumptivo nulo para o complemento do nome, aqui um possessivo:

- (13) a. Esse aluno, o pai **dele** perdeu o emprego.  
b. Esse aluno, o pai Ø<sub>i</sub> perdeu o emprego.

- (14) a. Esse carro furou o pneu **dele**.  
b. Esse carro furou o pneu Ø<sub>i</sub>.

Em Kato (1989), digo que todas as línguas topicalizam argumentos do verbo principal e distingo línguas de proeminência de tópico de línguas de proeminência de sujeito através da propriedade de poder topicalizar ou não o complemento do Nome. O japonês e o PB, línguas de proeminência de

---

<sup>2</sup> Para Bianchi e Figueiredo Silva, o efeito de ilha existe quando o objeto é animado, intuições de que não partilho:

(i) \* O José conhece a mulher que beijou e<sub>k</sub>  
(ii) O José conhece a mulher que comprou

<sup>3</sup> Note-se que são todos casos em que a extração é feita de uma ilha sintática. Agradeço a Telmo Moia e Ana Maria Martins pelos julgamentos. Para c. o contexto aceitável é com a interpretação de um objeto de valor genérico.

tópico, são línguas que permitem topicalizar o complemento do Nome, como nos exemplos (13b) e (14b).

Moraes de Castilho (2005) mostra que o possessivo forte era redobrado pelo possessivo fraco no Português Quatrocentista (PQ). Como o possessivo fraco *seu/sua* é hoje usado apenas para a segunda pessoa indireta *você*, podemos sugerir também que o possessivo forte *dele/dela* é redobrado por um possessivo nulo. O mesmo pode ocorrer com o complemento acusativo, mas somente quando humano.

- (15) a. A **sua** casa **dELLA** (PQ)  
b. A Ø-casa **dELA** (PE)  
c. A **sua** casa (PE)  
d. A casa **dela** (PB)

-para objeto [+humano]

- (16) a. Eu não **o** vi (a **ELE**) (PQ)  
b. Eu não **o**-vi (**a ELE**) (PE)  
c. Eu não vi **ele** (PB)

-para objeto [-humano]

- (17) a. Eu não **o vi** (PQ)  
b. Eu não **o vi** (PE)  
c. Eu não vi (**ele**) (PB)

Diferenças e semelhanças aparentes entre o PE e o PB:

- (18) a. Esse carro , eu só **o** comprei ontem. PE  
b. Esse carro, eu só Ø-comprei ontem. PE  
c. Esse carro, o Ø pneu dianteiro está furado. PE  
d. \*Esse carro, o Ø-pneu dianteiro **dELE** está furado. PE
- (19) a. Esse carro, eu só comprei **ele** ontem. PB  
b. Esse carro, eu só comprei Ø ontem. PB  
c. Esse carro, o pneu dianteiro **delle** está furado. PB  
d. Esse carro, o pneu dianteiro Ø está furado. PB

No PE, quando aparece, **ELE** é forte e se refere a ser [+humano], estando, portanto, em posição externa duplicando o clítico expresso ou não. No PB, quando aparece, **ele** é um pronome fraco, neutro em relação à referencialidade. Quando o complemento ou possessivo aparecem nulos no PE, eles são clíticos ou fracos. No PB, são fracos.

#### d) Nomes nús genéricos

Para Raposo, o português admite nomes nús como objetos genéricos, além dos objetos existenciais nús permitidos nas outras línguas românicas. Embora Raposo não mencione, podemos estender esse tipo de sintagma nú para todos os contextos de genérico. Note-se que os exemplos de genéricos do português, colhidos numa revista brasileira, são nomes plurais nús e são traduzidos por falantes nativos<sup>4</sup> do espanhol e do italiano com artigo:

- (20) a. O segredo para reduzir **rugos** estava na sua pele. (CLÁUDIA, ano 38, nº 6.99, pág.106)  
b. El secreto para reducir **las arrugas** estaba en (su) / la piel  
c. Il segreto per ridurre **le rughe** si trova da sempre nella tua (sua) pelle.
- (21) a. **Doce** feito em casa é sempre mais gostoso. (CLÁUDIA, ano 38, nº 6.99, pág.207)  
b. **El Dulce** hecho en casa es siempre más gustoso  
c. **I dolci** fatti in casa sono sempre piú buoni

Mas Raposo não aponta para o fato de que no PE o nome contável nú exige que ele seja plural, podendo ser não-marcado se ele for um nome não-contável, como se pode ver nos exemplos em (22). Mas o PB admite um sintagma nominal não-marcado em número, tanto para o nome não-contável quanto para o nome contável<sup>5</sup>, ao contrário do PE. .

- (22) a. Eu detesto **cenoura**.  
b. **Cenoura** faz bem à saúde.  
c. Eu detesto **café**.

Usando a teoria de Raposo, poderíamos dizer que no PB coloquial o artigo definido nulo é singular, enquanto no PE ele é plural.

- (23) a.? Eu detesto **a cenoura**.  
b. **A cenoura** faz bem à saúde.  
c. ?Eu detesto **o café**.  
d. **O café** faz mal à saúde.

### 3. Questões

Começarei a abordar as questões translinguísticas para depois voltar para as mais específicas sobre o PB.

<sup>4</sup> Agradeço a Angel Mori e Rodolfo Ilari pelas traduções dos originais.

<sup>5</sup> Veja estudos de Saraiva (1998), Schmidt e Munn (1996), Munn e Schmidt (1999), Müller (2000).

- Por que o artigo indefinido é mais bem distribuído do que o artigo definido nulo?
- Vimos que um nominal genérico pode ter um artigo nulo e o nominal resumptivo também. O que há de comum entre o D nulo genérico e o D nulo resumptivo?
- Raposo finaliza seu trabalho com a generalização translinguística, enunciada primeiro por Huang (1984), de que “o antecedente de um objeto nulo não pode ser um sujeito em [spec TP]”, generalização aceita pela maioria dos trabalhos brasileiros, mas mostra que ela deve ser relativizada devido aos exemplos (24) e (25). Em suas palavras finais, no que se chegou é apenas uma generalização descritiva, mas não a uma explicação.

- (24) a. ?o polícia insultou o preso antes de agredir  $\emptyset_i$   
b. tirei o relógio para fora da caixa sem quebrar  $\emptyset_i$   
c. recomendaram-me esse livro antes de eu comprar  $\emptyset_i$

- (25) a. o preso foi insultado pelo polícia antes de este agredir  $\emptyset_i$   
b. o relógio foi tirado para fora da caixa por mim sem eu quebrar  $\emptyset_i$   
c. esse livro me foi recomendado antes de eu comprar  $\emptyset_i$

- o PB apresenta a peculiaridade de poder ter nomes **contáveis** nús em contexto genérico; o que faz o PB, ao contrário do PE, apresentar essa possibilidade?

#### 4. Hipóteses

##### 4.1 Artigo definido nulo ( $D_{def}$ ) e artigo indefinido nulo ( $D_{ind}$ )

O PB vem sofrendo mudanças em sua realização pronominal: enquanto o sujeito referencial vem deixando de ser nulo, o objeto referencial, que era necessariamente um clítico até o século passado, passou a poder ser nulo ou um pronome forte.

Comparando esses fatos diacrônicos, Cyrino, Duarte e Kato (2000) propõem que a opção por um pronome expresso ou nulo nas línguas naturais seja regida por uma hierarquia de referencialidade de tal forma que:

- a) se uma língua opta por um pronome nulo no ponto mais alto da hierarquia, todos os pronomes mais baixos na hierarquia poderão ser nulos;
- b) se uma língua tem um pronome expletivo não-nulo, na posição mais baixa na hierarquia, então nenhum pronome em posições mais altas poderá ser nulo.

## (26) Hierarquia de referencialidade

+ref			-ref
	3ª pessoa	2ª pessoa	1ª
peessoa			
expletivo	3ª p. não ref.	3ª p. ref.	

Hyams (1986) havia proposto que o expletivo lexical do inglês é o desencadeador do valor negativo do parâmetro do sujeito nulo para o inglês. Podemos complementar, usando nossa hierarquia, afirmando que se a criança encontra um nulo com a primeira pessoa do discurso, ela assumirá que todas as demais pessoas serão igualmente nulas, já que a primeira pessoa é o pronome mais alto na hierarquia de referencialidade.

Em relação ao clítico acusativo, Cyrino (1994) constata que já no século XIX o clítico que retomava uma proposição ou adjetivo vinha deixando de ser usado, aparecendo em seu lugar um objeto nulo. Em seguida, o clítico que retoma um nominal indefinido e não-animado é zerado antes do clítico anafórico de um nominal referencial animado. Os clíticos de primeira e segunda pessoa, por sua vez, não apresentam queda em relação ao primeiro século de pesquisa (século XVI). Vê-se que a mesma hierarquia rege as duas mudanças.

Se o clítico e o artigo são a mesma entidade, como propõe Raposo, é de se esperar que a mesma hierarquia seja respeitada nas línguas. Segundo o que vimos, as línguas românicas admitem, em geral, o artigo indefinido nulo, mas o português admite, além dele, o artigo definido nulo. Segundo a hipótese da nossa hierarquia, não haverá línguas com artigo indefinido lexical e artigo definido nulo.

### 4.2 O D<sub>def</sub> nulo em objetos genéricos e resumptivos

(27) Maria adora (**os**) gatos.

(28) Eu descasquei umas bananas e o João comeu (**-as**).

(29) Os livros do Saramago, a Maria leu(**-os**) ontem.

Em (27), o item em grifo é, para Raposo, um artigo definido genérico, que pode ser nulo. Mas em (28) e em (29), os clíticos em negrito, analisados por Raposo como artigos definidos com um nome nulo, não têm a leitura convencional de genéricos, já que não estamos lidando com espécies (types), mas com um subconjunto delas.



Minha análise aqui, seguindo Kato (1974), é de que o artigo definido envolve uma quantificação universal:

- (30) Maria adora **todos os gatos/ os gatos todos**.
- (31) Eu descasquei umas bananas e o João come-**as todas**
- (32) Os livros do Saramago, a Maria leu-**os todos**.

O que os resumptivos e os objetos “genéricos” têm de comum é que ambos são universalmente quantificados.

Kato propõe que mesmo com um DP singular, temos a mesma relação. A predicação atinge exhaustivamente o conjunto unimembre:

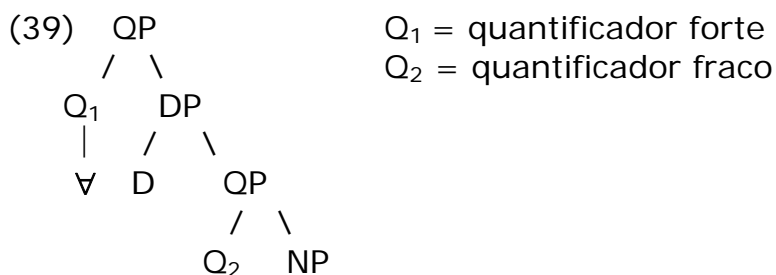
- (33) Comprei **cinco** livros. (**Todos**) os (**cinco**) livros chegaram hoje.
- (34) Comprei **dois** livros. (**Ambos**) os (**\*dois**) livros chegaram hoje.
- (35) Comprei um livro. O (**\*um**) livro chegou hoje.

Assim, *todos* pode referir-se a qualquer número acima de dois. Mas *ambos* refere-se apenas a dois e o número singular do artigo, em (35), restringe o conjunto a um membro. O artigo, quando sozinho, pode referir-se a qualquer totalidade.

O mesmo ocorre se o sintagma quantificado aparecer na posição de objeto:

- (36) Comprei **cinco** livros. Já lí (**todos**) os (**cinco**) ⇒ Já os li (**todos**).
- (37) Comprei **dois** livros. Já li (**ambos**) os (**\*dois**) ⇒ Já os li (**ambos**).
- (38) Comprei um livro. Já lí o (**\*um**). ⇒ Já o li.

Se essa análise estiver correta, o DP definido envolve muito mais estrutura e mais categorias nulas:



#### 4.3 A generalização de que o objeto nulo não pode ter um sujeito em [spec.TP] como antecedente

Raposo refuta a hipótese de Kato (1993), de que a generalização em pauta tem a ver com o fato do sujeito c-comandar o objeto nulo. A hipótese de Kato é de que o objeto nulo é um fenômeno da parataxis, na mesma categoria da elipse, a qual se aplica apenas a estruturas que não envolvem c-comando. Para permitir que o tópico seja um antecedente possível, propus que o tópico seja sempre regido por um núcleo nulo do tipo *quanto a, em relação a, sobre, não havendo*, portanto, diferença entre um tópico gramaticalizado e um tópico pendente.

Em todas as estruturas abaixo, o antecedente do objeto nulo não c-comanda o objeto. Estou supondo que a oração adverbial está em adjunção a VP ou a IP, logo o objeto nulo dentro dela não é c-comandada pelo objeto da matriz.

- (40) a. Pedro descascou **as bananas** e Maria comeu  $\emptyset_i$   
b. (Quanto a) **os livros do Saramago**, a Maria leu  $\emptyset_i$  todos.  
c. João falou sobre **a Maria** que Pedro ama  $\emptyset_i$   
d. Eu comprei **este casaco** sem experimentar  $\emptyset_i$

Mas, como vimos, Raposo mostra que nas suas orações em (44a) e em (44b), parece haver possibilidade de co-referência do objeto nulo com um antecedente c-comandante:

- (41) a. ?Eu avisei **esses homens** (de) que a polícia iria prender  $\emptyset_i$   
b. ?Alguém convenceu **esses estudantes** (de) que eu poderia prejudicar  $\emptyset_i$

Nas sentenças em (41b) o objeto encontra-se em uma oração adjunta e podemos considerar que as estruturas de adjunção são mais próximas de coordenação do que de subordinação. Quanto às orações em (41), o próprio autor coloca interrogação, o que deixa duvidosa a possibilidade de co-indexação.

Mas vamos tentar um outro caminho de explicação, usando o problema do resumptivo nulo e do possessivo, possível no PB, mas não no PE. Lembremos que a explicação que dei acima é que o resumptivo pode ser nulo no PB porque o possessivo estava na posição de complemento, e só pode ser lexical no PE porque o possessivo encontra-se na posição de Spec. Juntando essa evidência com a minha hipótese de que o Tópico é regido por um núcleo, lexical ou não, o que vemos é que no caso do PB o NP tópico e o possessivo encontram-se em ramificações à direita. No caso do PE, onde o possessivo está no Spec, o tópico e o possessivo encontram-se em ramificações contrárias. Podemos postular que uma categoria vazia nominal

só pode ter um antecedente que se encontre em ramificação direcionalmente idêntica.

Restrição paralela se vê no sujeito. Calabrese (1986) mostra que o sujeito anteposto ao verbo pode atuar como antecedente de um sujeito vazio em orações subsequentes, mas que o sujeito posposto nunca é. Ora, o sujeito posposto está em ramificação à direita, enquanto os sujeitos subsequentes, por não serem mais informação nova, devem ocupar a posição anteposta ao verbo, isto é, em ramificação à esquerda. A explicação dele é funcional, pois postula que só Thema pode ser antecedente para apagamento. Mas, no caso do possessivo, o Thema pode ser o mesmo em a e b, na posição de Top e, no entanto, o apagamento de *seu* é inviável, enquanto o de *dele* é possível.

A hipótese dá conta, portanto, tanto de sujeitos vazios quanto de objetos, e a explicação é meramente configuracional.

Raposo mostra, porém, que sujeitos podem ser o antecedente do objeto, quando derivados de passiva:

- (42) a. **o preso** foi insultado pelo polícia antes de este agredir \_\_\_\_  
b. **o relógio** foi tirado para fora da caixa por mim sem eu quebrar \_\_\_\_  
c. **esse livro** me foi recomendado antes de eu comprar \_\_\_\_

Isso levanta a questão do lugar da restrição configuracional, proposta acima. Esses sujeitos são objetos no início da derivação e, acredito, serão aí reconstituídos em Forma Lógica. Logo, não havendo mais estrutura-D, proponho que a interpretação do objeto nulo se faz em FL, nível em que os sujeitos da passiva ocupam a posição de objetos do verbo, isto é na ramificação à direita do verbo.

#### 4.4 Por que Nomes contáveis nús **singulares** no PB?

A resposta a essa questão é respondida por outros linguistas. Por serem trabalhos exaustivos e interessantes, podem ser usados aqui por enquanto, para depois, eventualmente, serem trabalhados no quadro do problema analisado<sup>6</sup>.

Antes do estudo do PB por Schmidt e Munn (1999), as línguas românicas eram tratadas como tendo apenas nomes nús plurais. Os autores fazem uma crítica da parametrização semântica dos nomes feita por

---

<sup>6</sup> O trabalho de Müller (no prelo) mostra as diferenças semânticas entre os genéricos com artigo definido e indefinido no PB. Para a autora, os nominais com artigo definido podem referir-se diretamente a espécies, enquanto os indefinidos participam em sentenças genericamente quantificadas e sua genericidade é devida ao fato de suas variáveis serem ligadas por operadores genéricos. A análise da autora difere da de Raposo e da minha, por juntar os nús aos indefinidos e não aos definidos.

Chierchia (1998). Segundo esse autor, os nomes nas línguas naturais podem ser:

The Nominal Mapping Parameter:

- a. [+arg, -pred] e.g. Chinese
  - generalized bare arguments
  - all nouns are mass nouns
  - no plural morphology
  - generalized classifier system
  
- b. [-arg, +pred] e.g. French
  - no bare nominals in argument position
  - count/mass distinction
  - morphological plural
  
- c. [+arg, +pred] e.g. English
  - bare mass nouns and plurals in argument position
  - no bare singular count nouns
  - plural morphology
  
- d. [-arg, -pred] (non-existent)

Os parâmetros semânticos de Chierchia explicam porque o francês, o italiano etc, línguas que fazem distinção de nomes contáveis e não contáveis e que contam com morfologia de plural, não dispõem de nomes nús em posição argumental. Estes são sempre predicados e necessitam de determinante para se tornarem argumentos. O inglês faz distinção entre contáveis e não-contáveis, tem morfologia plural e pode ter nomes nús ou não em posição argumental e, nesse sentido, são como o português. Mas ambas as línguas não dispõem de nomes nús contáveis no singular. O chinês e o japonês só têm nomes nús, todos os nomes são não-contáveis, não têm morfologia plural, necessitando de um complexo sistema de classificadores.

O PB não se encaixa em nenhum tipo. Para Schmidt e Munn, o nome nú singular do PB não é nem um nome incontável e nem se comporta exatamente como os nomes nús plurais. A proposta dos autores é que tais nomes são DPs com o D nulo e sem a projeção de número. Já em Munn e Schmidt (1999), propõe-se, refinando a análise anterior, que a parametrização está na sintaxe e não na semântica, devendo-se ao que eles chamam "free Agr Parameter".

Colocando essa proposta de ausência de projeção de número dentro do que foi apresentado acima, a saber, dos sintagmas definidos serem

universalmente quantificados, observa-se que no PB, em lugar de (43), pode-se fazer a retomada resumptiva de duas formas, apresentadas em (44):

- (43) Os livros do Saramago, a Maria leu-**os todos**.
- (44) a. Os livros do Saramago, a Maria leu **eles todos/ tudo**.  
b. Os livros do Saramago, a Maria leu **tudo**.

O quantificador **tudo** é neutro. Não tem traços nem de número nem de gênero. O PB teria numerais, mas não a categoria Num P, assim como proposto em Munn e Schmidt (1999). A mesma lacuna seria responsável pela imposição do possessivo pós-nominal *dele/dela*, já que estes não exigem concordância de número como *seu/sua*.

### Conclusões

Este trabalho corroborou os dois pontos do trabalho de Raposo, a saber:

- a) os nomes nús genéricos no PE e no PB têm um artigo definido nulo, ao contrário das demais línguas românicas que exigem o artigo expresso;
- b) o clítico e o artigo definido são a mesma categoria, a diferença residindo em seu N ser nulo ou expresso.

Mas, enquanto Raposo ressaltou a uniformidade entre o PE e o PB **formal**, nosso trabalho tentou mostrar em que pontos a gramática do PB **coloquial** difere da de Portugal, a saber:

- a) no fato de que o PB objeto nulo não é sensível a ilhas;
- b) na possibilidade no PB do tópico ser um argumento do Nome;
- c) no uso no PB do pronome forte em lugar do fraco, tanto em possessivos quanto em objetos;
- a) na presença de argumentos nús singulares em posição de argumento.

Mostramos ainda como essas propriedades estão relacionadas.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIANCHI, V.; FIGUEIREDO, M.C. On some properties of agreement-object in Italian and in Brazilian Portuguese. In: MAZZOLA, M. (ed.) *Issues and Theory in Romance Linguistics; selected papers from the LSRL XXIII*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1994.
- CALABRESE, A. Pronomina: some properties of the Italian pronominal system. In: FUKUI, N.; RAPOPORT, T.; SAGEY, E. (eds.) *MIT Working Papers in Linguistics*, 1986.

- CHIERCHIA, G. Reference to kinds across languages. *Natural Language Semantics*, 6:339-405, 1998.
- CYRINO, S.M.L. O Objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico. Tese (Doutorado em Linguística) Campinas, SP: UNICAMP, 1994.
- \_\_\_\_\_.; DUARTE, M.E.L.; KATO, M.A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M.A.; NEGRÃO, E.V. (eds.) *Brazilian Portuguese and the Null subject Parameter*. Frankfurt: Verveurt-Iberoamericana, 2000.
- Huang, C.T.J. On the distribution and reference of the empty categories. *Linguistic Inquiry*, 15:531-574. 1984.
- HYAMS, N. *Language Acquisition and the Theory of parameters*. Dordrecht: Reidel, 1986.
- KATO, M.A. *A Semântica Gerativa e o Artigo Definido*. São Paulo: Ática, 1974.
- KATO, M.A. Sujeito e Tópico: duas categorias em sintaxe? *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 17:109-132, 1989.
- KATO, M.A. The distribution of null and pronominal objects in Brazilian Portuguese. *Linguistic Perspectives on the Romance Languages: Selected Papers from the XXI Linguistic Symposium on Romance Languages* (Currents Issues in Linguistic Theory Series), 225-235, Amsterdam: John Benjamins, 1993.
- KATO, M.A. Aquisição e aprendizagem: de um saber inconsciente para um saber metalinguístico. In: GRIM-CABRAL, Loni; MORAES, J. (orgs.) *Investigações à Linguagem: ensaios em homenagem a Leonor Sciliar-Cabral*. Florianópolis: Editora Mulher, 1999.
- KATO, M.A.; RAPOSO, E. Objeto(s) e artigos nulos: similaridades e diferenças entre o português europeu e o português brasileiro. In: MOURA, D. (org.) *Reflexões sobre a sintaxe do português*. Maceió: Edufal, 2005.
- KATO, M.A.; CYRINO, S.; CORREA, E.V.R. Brazilian Portuguese and the recovery of lost clitics through schooling. In: PIRES, A.; ROTHMAN, J. (eds.) *Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition: Case Studies across Portuguese*. Mouton, 2009.
- MORAES de CASTILHO, C. Processos de redobramento na diacronia do Português. Tese (Doutorado em Linguística) Campinas, SP: UNICAMP, 2005.
- MUNN, A.; SCHMIDT, C. Bare nouns and the morpho-syntax of number. *LSRL* 29, 1999.
- MÜLLER, A.L. A expressão da genericidade no português brasileiro. *UMWP*, 2000.
- RAPOSO, E. On the null object in European Portuguese. In: JAEGGLI, O.; SILVA-CORVALÁN, C. (eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 1986.
- \_\_\_\_\_. Definite/zero alternations in Portuguese. In: SCHWEGLER, A.; TRANEL, B.; URIBE-ETXEBARRIA, M. (eds.) *Romance Linguistics: Theoretical Perspectives*. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

\_\_\_\_\_. Some Observations on the Pronominal System of Portuguese. In: BORRAS, Z.; SOLÀ, J. (orgs.) *Catalan Working Papers in Linguistics*. Barcelona: Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona, 1999.

SARAIVA, M.E. Fonseca. *Buscar menino no colégio*. Campinas, SP: Pontes, 1998.

SCHMIDT, C.; MUNN, A. Against the Nominal Mapping Parameter: Bare Nouns in Brazilian Portuguese. *NELS*, 29, 1996.